ACADEMIA JOINVILENSE

1969

Suplemento Literário

HEKADEMEIA

01

NOSSOS CRONISTAS

Vol. 1 -No. 1 – Joinville, novembro de 2016

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

Hekademeia Vol. 1, No. 1

SUMÁRIO

Apolinário Ternes 5

Carlos Adauto Vieira 13

Hilton Görresen 22

Jura Arruda 32

HEKADEMEIA *é forma original e mais antiga da palavra Akademia. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego Akademos (em latim Academus) e à deusa Palas Atena, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali Platão possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de Academia, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.*

HEKADEMEIA é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este primeiro número elenca vários trabalhos de nossos acadêmicos que se destacam como cronistas nos jornais da cidade de Joinville e região. Nos números seguintes, teremos a vez dos nossos contistas, romancistas, poetas, historiadores, ensaístas, editores, juristas, instrutores, pioneiros e números de exclusiva produção feminina.
Nas páginas mensais de HEKADEMEIA poderão aparecer, em igualdade de condições, tanto textos dos nossos acadêmicos contemporâneos, como dos acadêmicos já falecidos e também de nossos patronos.

Uma das missões especiais deste Suplemento é justamente trazer de volta à vida e tornar outra vez disponíveis as produções literárias das dezenas de brilhantes intelectuais que nos precederam na história. Para exemplificar, um de nossos patronos teve mais de 100 livros publicados em vida.

Este encontro especial do presente com o passado reviverá como nunca o conceito de IMORTALIDADE de nossas acadêmicas e acadêmicos.

A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – por especial deferência da presidência e de toda sua diretoria.

Aí se desenrolam as reuniões, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em sua extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos artístico-literários, os SARAUS da AJL.

APOLINÁRIO TERNES

Apolinário Ternes *é autor de 30 livros sobre a história de Joinville, de Santa Catarina e de empresas e instituições da região norte do Estado.*

Joinvilense, nascido em 1949, é autor e jornalista desde 1968 e mantém artigos semanais no jornal A Notícia há três décadas.

Publica obras regularmente desde 1975. Sobre Joinville destacam-se os títulos:

História de Joinville, uma abordagem crítica (1981)
História Econômica de Joinville (1986)
Joinville, a Construção da Cidade (1993)
Tempos Modernos - A Presença dos Italianos em Joinville (2009)

Exerceu o cargo de editorialista no jornal A Notícia no período de 1979 a 2007. Nos anos 2002 – 2004 foi diretor do jornal em Florianópolis.

Formado em História e Direito, é Mestre em Educação e Cultura. Foi diretor do Arquivo Histórico e da Biblioteca Pública de Joinville, integrou o Conselho Estadual e Municipal de Cultura e é membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pelo qual foi homenageado com a comenda Joaquim Manoel de Almeida Coelho, em 2005.

No mesmo ano recebeu o título de Cidadão Benemérito de Joinville e a Medalha Anita Garibaldi, do governo de Santa Catarina.

MISSA NEGRA

Amigo e leitor destas linhas indicou livro raro, com o título acima. Não se trata de texto sobre a profecia dos cristãos ou a escatologia da igreja católica, mas de lúcida e soberba interpretação dos tempos modernos. Um livro inteligente de John Gray – de Cachorros de Palha – como só saberia escrever. Trata-se de um dos filósofos mais importantes, articulista do 'The Guardian', e professor em Londres.

O livro mostra como a tese do Apocalipse e a perversão da igreja pela política comanda a história de todos os tempos, inclusive e principalmente dos atuais, de 'guerra contra satã' deflagrada pelos americanos. Ocupamo-nos quase sempre dos fundamentalistas islâmicos, esquecendo os puritanos dos Estados Unidos e a crença de que nasceram para 'libertar' a humanidade. E assim respondem aos atentados de 11 de setembro com mais guerras e intervenções, dando combustível ao terrorismo.

Há sempre uma utopia a comandar os homens, escreve Gray com sensibilidade. Tem sido assim. Na antiguidade clássica, com o advento do cristianismo, no avanço dos bárbaros, no século quinto, nas Cruzadas, em 1.100, na Renascença, no Iluminismo, na Revolução francesa de 1789, na bolchevique de 1917 e, agora, na 'americanização do Apocalipse'. Utopia é o lugar-nenhum do paraíso perdido, desde o Éden, da Bíblia, ao mundo sem classes de Karl Marx.

A perversão das religiões pela política promete o paraíso do 'fim da história', como o americano Francis Fukuyama se apressou em escrever após a queda do comunismo, em 1989. Estamos substituindo mitos religiosos por novos projetos

utópicos, como a sociedade da produção e do consumo, do bem-estar e da previdência. Elas são inalcançáveis, apesar de mobilizar milhares de acadêmicos e políticos mundo afora. Trata-se de ilusão, pois, diz John Gray, estamos revivendo novos ciclos de barbarismo, em níveis de violência idênticos aos da primeira guerra mundial, em 1914. Exatos cem anos depois, e esquecidos por todos.

Não há dúvida, os nossos são tempos de Cruzadas, o cerco a Jerusalém, o Milenarismo de sempre. A religião continua no centro de tudo. O Apocalipse permanece como irresistível impulso do homem. A cultura é feita de destroços e o homem o sofrido personagem de milênios. Não há progresso, apesar de dois novos papas santos, e dois papas em Roma.
A missa negra continua. Um belo e triste livro.

JUNG, MEIO SÉCULO

Revirar baús é próprio de gente vivida. É o que tenho feito ultimamente. Agora, achei carta de parente revelando fatos sobre a origem da família. Os Ternes, de Tijucas, aparentados com os Laus, estes vindos da Alemanha e aqueles da França. Achei, também, recorte da revista Visão de março de 1980, com entrevista de Jung, sob o título 'viver é coisa que se aprende'.

Visão reproduz entrevista dada por Jung em 1960 ao jornal The Sunday Times, revista e o próprio Jung, desaparecidos. Declarações feitas há 54 anos. Jung foi um intelectual atípico. Isto é, reservado, homem de grandes silêncios e viagens profundas. Estudioso da alma e rival de Freud, Jung foi, acima de tudo, incansável leitor sobre as culturas antigas, primitivas ou não. De mitos e fábulas, símbolos e magias.

Nas páginas amarelas de Visão (nada se cria, tudo se copia) Jung recomenda a criação de escolas para adultos. Para que as pessoas, concluída a primeira etapa da vida, por volta dos 40 anos, pudessem se reciclar e se preparar para a segunda etapa. É preciso lembrar que suas palavras são de 1960, quando, aliás, o mundo estava de ponta-cabeça. Vivíamos a década da contestação, da desconstrução, dos hippies e do amor livre. Tudo o que hoje é normal, naquela época não era. Não existiam o celular, o Ipad e o Face, mas a comunicação estava em alta. O guru daqueles tempos era um canadense chamado McLhuan. O outro era Marcuse, intelectuais que tinham muito a dizer.

Hoje, comunicadores são os rapazes do funk, do hip-hop, do pagode. Avançamos ou retrocedemos? Bem, continuamos na mesma condição dos homens de milhares de anos atrás,

aprendizes do perigoso ofício da vida, é o que diz Jung, com simplicidade.

Jung fala de religião, da necessidade da fé e da instável humanidade de todos nós, obcecados com a segurança e ansiosos consumidores de felicidade. De fato, ‘viver é coisa que se aprende’, pena que o aprendizado, para a maioria, signifique a vida quase toda. Senão mais. Deveríamos viver 200 anos. A primeira metade para aprender como não desperdiçar a segunda. É o que faremos no futuro, quando velhice volte a ser sinônimo de sabedoria, como na China de mil anos atrás.

FATIAS DE TEMPO

Drummond de Andrade, talvez o maior poeta do Brasil no século passado, saiu-se com esta: ‘Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão. Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que daqui em diante vai ser diferente’. Casa com início de ano. Melhor ainda se no Brasil ou Joinville.

A citação foi usada por colega jornalista, a propósito de súbita conclusão de que não daria tempo para a leitura de todos os livros diante da prateleira, nem tampouco para conhecer todos os lugares planejados e menos ainda para escrever todos os textos necessários. Simplesmente, a vida se abrevia a cada dia e nos tornamos reféns de tantos compromissos, reuniões, debates e conhecimento. O tempo é a escassez mais urgente para todos. Fatia-lo é apenas a estratégia da esperança, mas os minutos, horas, dias e meses são invencíveis e escoam para a eternidade.

Pensando no tempo, foi que me lembrei de antigo mestre de que me afastei da leitura por anos. Lin Yutang, autor chinês do começo do século passado, apreciado no Brasil nas décadas de 1940/50. Tenho um exemplar da edição datada de 1941, da Livraria do Globo, de Porto Alegre. Veio, em 1993, como presente de pessoa a quem recomendei o autor e que se encantou com o pensador e filósofo da China, bem antes dela afundar no capitalismo. O exemplar continua aqui, ao alcance da alma e da memória.

Pois Lin Yutang fala sobre a generosidade do tempo, não de sua

escassez. Escreve sobre a verdadeira arte de viver, da arte de trabalhar e da arte de não fazer nada. Sim, isto mesmo, a vida, em sua melhor essência, é também feita de vagabundagem. Ficar por aí, espiando o mundo e a vida. Revendo velhos problemas e de como foram resolvidos. Muitas vezes, diluindo-se no tempo e por isso mesmo resolvendo-se todos em passe de mágica. Disso é que os modernos precisam, tempo para não fazer nada. Falar coisas simples, fatiar as horas, silenciar o tumulto da comunicação em tempo integral em que vivemos.

Chang Ch'Ao, contemporâneo de Lin Yutang, escreveu com invejável simplicidade: 'Só aquele que encara despreocupadamente as coisas com que se preocupam os homens, pode preocupar-se com as coisas que os homens encaram despreocupadamente'. Não ler livros pode ser tão importante quanto lê-los, se, naquele tempo, deixarmos a mente descansando, absorvendo o mundo. O silêncio continua o maior aliado da mente. Difícil é aprender a silenciar o espírito, objeto e objetivo de todas as filosofias. Busca que causa exaustão e desconforto e nos impede o gozo da quietude, da plenitude e da sublimidade que se esconde na ataraxia, ideal de vida dos gregos, 500 anos antes de Cristo.

CARLOS ADAUTO VIEIRA

Presidente da Academia Joinvilense de Letras de 2013 a 2016, o acadêmico Carlos Adauto Vieira é advogado e economista (Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Ciências Econômicas de SC e da FURJ).

Desde 1957, colabora em jornais: O Estado do Paraná, Gazeta do Povo, Tribuna de Santos, A Notícia, Jornal de Joinville, O Município (Brusque), Sol de Camboriú, Folha Acadêmica, Folha do Litoral, Tribuna de Santa Catarina e Gazeta das Praias, de São Francisco do Sul - escrevendo artigos sobre direito, sociologia, política, economia, literatura e história.

É colunista de A Notícia desde 1958.

Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura por várias vezes. Nesta condição, implementou os projetos de recuperação da Estação Ferroviária, da Shokoladenfest, do Festival da Canção de Cervejaria, do Memorial da Empresa Joinvilense; da edição de livros de Adolpho Bernardo Schneider, Elly Herkenhof, e Carl Julius Parucker; da reedição da 'História de Joinville" de Carlos Ficker"; e de "Às margens do Cachoeira", de Augusto Sylvio.

Manteve colunas dominicais sob os pseudônimos de Charles D'Olengèr e Heliodoro Luiz.

Publicou quatro livros – "Aos Domingos, crônicas"; "Saborosas Estórias Curtas de Charles D 'Olengèr"; "Europa sem Programa"; e "Contos e Crônicas".

Em 2012 a cidade prestou-lhe um grande tributo, com a instalação da Ponte do Charlot, sobre o Rio Cachoeira, pela Prefeitura de Joinville, homenagem secundada pela Câmara de Vereadores e pelo Poder Judiciário de Joinville.

ZIRALDO

LOLA, a coleguinha de outros dias no NA CIDADE e que tornou o seu maridão um dos mais simpáticos, embora desconhecido, da Colônia, descrevendo a sua incrível viagem a Florianópolis, com ele, é claro, me trouxe de volta um episódio com o extraordinário Ziraldo.

Nos duros tempos de chumbo, colaborei com O PASQUIM contra a ditadura. E lá o conheci e este outro magnífico, que foi o Henfil. Do qual guardo, com o máximo carinho, uma dedicatória muito pessoal e muito especial, no livro Cartas à Mãe.

Deste falarei noutra estória. Do Ziraldo, agora. Enquanto está quente a lembrança.

Em uma daquelas conversas de redação, no período em que esperávamos mais uma cadeia política, falei, para desanuviar, de Joinville. E, quando disse que ela tinha uma rua das Palmeiras (que já foi Alameda Bruestlein – mas não pegou e virou Boulevard das Palmeiras por sugestão do Juarez, também sem sucesso) com mais de uma dezena de Imperiais e Centenárias, ele me interrompeu para dizer que a sua cidade também tinha, numa praça, um colar delas, plantadas pelo próprio Imperador Pedro II, quando por lá passou. Aliás, o que fez em muitas cidades paulistas e mineiras. Entabulamos o papo e, ao final, quando nos despedimos – frustrados por não termos sido presos mais uma vez – prometi-lhe que iria conhecer a sua Caratinga um dia desses.

E fui. Com a família e mais dois amigos. Dormimos lá, no Hotel Leal, o único.

Na volta, escrevi-lhe uma carta e mandei fotos tiradas da praça sob as palmeiras imperiais. Queria provar-lhe haver cumprido a promessa. Para que ele, igualmente, como o fez, cumprisse a de vir a Joinville.

A resposta à minha carta veio pelas colunas do Pasquim. E me desancava. O aleive mais laite escrito foi de que nós éramos barrigas verdes de tanto sermos transados nos pastos.

Tudo porque ingenuamente, como a Lola, que quer saber se quem nasce na Penha é Penhasco, eu lhe perguntei:

– Quem nasce em Caratinga é catinguento ou caratingoso?

A MELHOR COISA DO MUNDO

Schutz pertencia à categoria empresarial ascendente. Depois da Escola Técnica, de cursos no Senai, de vários empregos, nos quais não se adaptou, partiu para a sua própria empresa, havendo tirado a sua ideia de uma revista Stern, alemã.

Passou a produzir, "em fundo de quintal", algo destinado ao turismo e ao lazer. Empresa de fundo de quintal é aquela em que trabalham os familiares, alguns vizinhos, clandestinamente, sem recolher tributos, nem contribuição social e, por isso, cresce tão rapidamente. Antiga a tradição e a raiz de tantas, até, multinacionais.

Com Schutz não foi diferente. Aliando talento, disposição e algum dinheiro de FGTS, nos acordos realizados com as empresas em que laborou, conseguiu o quase impossível, que foi produzir e vender o seu primeiro produto, que se revelaria um sucesso, daí em diante. Encontrara o veio aurífero.

Rapidamente os filhos adolescentes se integraram à novel indústria de fundo de quintal e ela, consequentemente, se desenvolveu, exigindo, mesmo, mão de obra de fora da família. Alguns mestres já aposentados, com muita experiência e necessitando de um suprimento mensal de verba, vieram colaborar, a fim de ser atendida a grande demanda.

Afinal, estávamos entrando no milênio da informação e do lazer. E aquele artigo era de grande utilidade, para um e outro.

A procura do mesmo obrigou a regularização da empresa. E, via de consequência, a adesão à sua entidade classista, de resto, muito forte na cidade e na região.

Foi através dela que lhe veio o convite para participar do primeiro voo do Bandeirante para S. Paulo. Uma evolução! Dois voos diários de ida e volta.

Bandeirante era aquele avião em que se entrava passageiro e se saia sobrevivente. Só oferecia três momentos de risco: quando levantava voo, quando estava voando e quando pousava. No solo, nunca se soube de qualquer acidente. Mas, era possível...

Ir pela manhã e já estar de volta à tarde, livrando-se das despesas de hospedagem, alimentação, transporte urbano. Uma sopa!

Schutz aceitou, meio a medo, o convite, pois seria a sua primeira viagem aérea.

No dia aprazado, a família o foi levar ao aeroporto, onde se encontrou com os demais colegas empresários, igualmente participantes do voo inaugural.

Logo, em fila, os convidados subiram à nave e foram colocados em seus lugares, previamente reservados.

Verificada a presença de todos, teve lugar o procedimento de subida, com as orientações dadas pelas aeromoças, às quais - ambas - prestou muita atenção.

Não queria perder nada para poder contar em casa, ao retorno. Ouvidas as instruções sobre salvamento, que lhe deu um frio na barriga, teve início o serviço de bordo com cada qual recebendo uma caixinha com água mineral, sanduiche, bombom e lencinho de papel.

Por razões inexplicáveis, teve uma sede enorme e inesperada, obrigando-se a beber mais do que copinho da mineral. E sentiu a bexiga encher-se sem saber onde, a bordo, poderia esvaziá-la. Como se faz, quando se está apurado durante o voo? Mas calou-se, constrangido de buscar resposta. E aguentou firme, suportando o aperto crescente.

Tão logo desembarcou, buscou no seu cicerone aquela resposta.

– É ali, naquele fim de corredor. Pode ir que o esperaremos, aqui.

Schutz foi direto e certo, mas não esperava aquela multidão desaguando. Havia fila! Entrou nela, espremendo-se e aguardando a sua vez, que custou a chegar.

Quando, finalmente, chegou diante do mictório, e se pôs a satisfazer a brutal necessidade, disse de si para consigo:

- Não tem coisas melhor no mundo do que urinar, quando se está apurado....

O do lado, que já abotoava a braguilha, virou-se para ele e exclamou:

- Das duas uma, meu camarada, ou você nunca soube urinar ou você nunca transou.

BODE SOLTO

Uma das minhas maiores admirações, quando visitei a Grande Loja Unida da Inglaterra, Mãe das demais que há distribuídas pela Terra, foi como recebe as críticas e sátiras sobre a Maçonaria e os Maçons.

Pelas paredes centenas de charges sobre os obreiros universais. Algumas inteligentíssimas, de provocar gostosas gargalhadas.

Descobri, então, que aqueles dos Irmãos que nos querem "bodes amarrados" a pretexto de que a Ordem deve ser séria, sem risos, não estão no melhor dos caminhos e resolvi humorizar a Sublime Instituição, sobretudo, contando episódios risíveis, ao menos. Coincidentemente, foi nesta época que descobri o Irmão ARI CHARUTO, cujo apelido, hoje, é Comenda em vários orientes. E tem uma biografia invejável. Na vida profana e na Maçônica.

Quando fomos receber o Grau 33, no Campo de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, no Templo do Supremo Conselho para o REAA:, o nunca demais lamentado Ir:. Werner Arno Schubert e eu, fomos recebidos por um Irmão de charuto à boca, embora apagado em consideração ao sagrado recinto. Seria uma constante nele. Quando podia fumar, acendia; quando não, trazia-o pendurado nos lábios, apagado. Daí o apelido em âmbito nacional: ARI CHARUTO.

Pude observar isto, nos dezesseis anos em que fui deputado federal e deputado constituinte do Grande Oriente do Brasil em Brasília.

Nunca o encontrei sem o Havana nos lábios. Aceso ou apagado.

E lhe soube das inúmeras histórias do seu espírito de Bode Solto. Uma delas, conosco, Werner e eu.

Foi quando fomos receber o Grau Máximo, no Rio.

Ele nos recepcionou à porta daquele magnífico templo e nos perguntou: “Donde vindes. E para que? ” Dadas as respostas, exclamou, “Mas nunca! De gravata borboleta preta?” Ante a nossa estranheza, pois não fôramos avisados de que deveriam ser de outra cor, explicou que, para o Grau 33, deveria ser branca.

– Onde vamos arranjar a esta hora da noite?

Sem tirar o charuto dos lábios, deu-nos o endereço da butique, que existia no próprio prédio, vendedora de paramentas.

– Lá ela é vendida. Vão comprá-la; senão, nem entram.

Fomos, compramos, ajustamos no pescoço e quando entramos na procissão para o Templo, o Ir:. Mestre de Cerimônias nos advertiu:

– De gravata branca, não entram! Não é a do Rito!

– Mas um Irmão, mais velho, nos chamou a atenção...

– Um com charuto?

HILTON GÖRRESEN

*O acadêmico **Hilton Görresen** é natural de São Francisco do Sul (SC), bisneto de imigrante norueguês aqui chegado no século 19.*

Começou a publicar seus textos na década de 1960, no jornal Correio do Povo, de Jaraguá do Sul (SC). Entre as décadas de 1970 e 1980, após concluir o curso de Letras, em Joinville, iniciou colaboração semanal no jornal "A Notícia", publicando crônicas, num estilo leve e humorístico, e artigos sobre comunicação.

Terminando curso de especialização em Língua Portuguesa, em 1990, passou também a elaborar textos sobre linguagem, alguns deles reunidos mais tarde no livreto "Mostrando a língua", de 2004.

Há cerca de 10 anos, vem publicando suas crônicas no jornal Notícias do Dia, também de Joinville, textos estes reunidos nos livros "Quando minha avó tirava a roupa", "Histórias para ler no banheiro" e "Elefante branco".

Publicou também um livro de memórias, "São Chico Velho de Guerra" e o paradidático "O que aprendi sobre redação – e posso lhe ensinar".

É membro também da Associação das Letras e da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul – ALASFS.

FRÍVOLO PERALTA

Você conhece o Tertuliano? Não, não é esse. Tertuliano é o personagem de um versinho do Arthur de Azevedo (aquele do conto “Plebiscito” que constava de muitos livros escolares, também autor da comédia “Amor por anexins”). A poesia começava assim: “Tertuliano, frívolo peralta/que fora um paspalhão desde fedelho/ tipo incapaz de ouvir um bom conselho/ tipo que morto não faria falta”.

Em linguagem de hoje, a tradução seria, mais ou menos (vamos mudar o nome do personagem, hoje ninguém dá à criança o nome de Tertuliano): Mauricinho (ou Disneílson, se for pobre), desligado cara de pau, que foi um sem noção desde moleque, sujeito incapaz de ouvir os mais velhos, cara que tanto faz se está aí no pedaço ou se já foi pras cucuias. Não rimou, mas talvez dê para entender melhor.

Quem hoje em dia ouve conselhos dos mais velhos? A gente passa toda uma vida fazendo besteiras, caindo aqui, levantando ali, quando resolve capitalizar os erros, passar esse capital para os filhos, com juros e correção monetária, o que acontece? Eles dispensam nossa experiência, como se fosse coisa velha, ultrapassada, como o bolero, o samba-canção, a calça boca-de-sino, as fitas VHS ou as comédias do Oscarito.

Mas isso já era assim no tempo do Tertuliano, entre o final do século 19 e o comecinho do século 20. Só os costumes eram outros: naquele tempo, conhecido como “Belle Époque”, os rapazes chiques iam para a Capital Federal “estudar” e gastavam a mesada dos pais tirando uma casquinha das atrizes de teatro, das belas *mademoiselles* francesas ou das desprevenidas

costureirinhas. Nas horas vagas, estudavam apenas o suficiente para se tornarem bacharéis.

Bacharel queria dizer: filho de pai latifundiário ou fazendeiro, que, no máximo, se agarrava num cargo público ou na política, continuando a fazer aquilo a que estava acostumado, ou seja, nada. Ignoro se naquele tempo existiam certas manobras que permitiam ao ocupante desses cargos locupletar-se (paciência, é um termo daquela época) com o dinheiro público.

Hoje os Tertulianos dirigem carros envenenados, frequentam festinhas embaladas a muita droga, colocam fogo em mendigos adormecidos. Não duvido que em pouco tempo estejam nos representando no Congresso.

MOCINHOS E BANDIDOS

Em meados do século 19, alguns remanescentes da corrida do ouro na Califórnia olharam em volta de si, para as imensas pastagens do oeste, e perceberam que eram o lugar ideal para criação de gado. Para cuidar de seus rebanhos e conduzi-los através das pradarias até os pontos de venda é que surgiu a pitoresca figura do caubói, ousado, de aspecto rude, dono de grande habilidade para montar e lidar com animais. Foi essa figura que mais tarde foi mitificada pelo cinema.

A epopeia da conquista e desenvolvimento do Oeste americano começou a ser narrada nas obras de James Fenimore Cooper (O Último dos Moicanos, A Pradaria e outros). Era um culto romântico ao passado do povo americano, o mesmo produzido no Brasil por José de Alencar. Em 1903, o cineasta Edwin Portter apresentou o que seria o primeiro "longa metragem" com enredo no cinema: O Grande Assalto de Trem (*The Great Train Robbery*). O cenário era o velho oeste, com direito a tiros e perseguições a cavalo. O sucesso da obra incentivou o gosto pela exploração do gênero nas telas.

De onde vinham os assuntos para essas primeiras produções do faroeste? Primeiramente, de peças de teatro, apresentadas por grupos que percorriam as regiões selvagens, dando um pouco de divertimento aos seus rudes habitantes. Representavam a vida e as peripécias de figuras conhecidas e temidas: Jesse James, Búfalo Bill, Billy the Kid... Em seguida, buscavam inspiração nas românticas baladas que falavam de heroicos pistoleiros e da vida aventurosa dos vaqueiros. Autores do gênero, como Owen Wistler (criador de "O Homem de Virgínia) e Zane Grey tiveram suas obras vertidas para o cinema.

O primeiro “mocinho” a ter público e direito a figurar como astro em sucessivas películas foi Bronco Billy. A ele seguiu-se o famoso Tom Mix, emérito cavaleiro, que havia crescido em um rancho, nas lides de vaqueiro, descoberto pelos cineastas quando exercia a função de xerife. Outro astro do faroeste, ainda na fase muda do cinema, foi William S. Hart, pouco conhecido nos dias de hoje.

Generalizou-se a figura do caubói intrépido, honesto, exímio atirador, sempre ao lado da justiça, dos fracos e oprimidos. Apareceram nas telas (e posteriormente nos gibis) mocinhos famosos, que faziam as delícias dos jovens nas matinês até a década de 60: Roy Rogers, Gene Autry, Rocky Lane, Durango Kid, Hopalong Cassidy e outros. Foi a época de ouro dos filmes B, películas ingênuas, de ação constante (invariavelmente tiroteios e perseguições a cavalo), feitas com escassos recursos, apostando seu sucesso no carisma do mocinho, o bom caubói, identificado pelas roupas, pelo chapéu (quem não conhecia o chapéu de Roy Rogers, de Tom Mix, de Hopalong?) e pelo inseparável cavalo, que só faltava falar. Não podemos esquecer também dos famosos Colts. Sacar rápido e atirar com precisão foram a marca inquestionável do herói do faroeste. Numa região ainda selvagem, onde a força da lei era precária, imperavam os direitos do mais forte. E o mais forte era aquele que se via amparado em seu Colt.

A mocinha era sempre uma doce donzela, valente e leal, que geralmente acabava “em perigo” nas mãos do malvado vilão. Por economia de recursos, a mãe da mocinha era figura inexistente (pra que pagar mais uma figurante?); havia apenas o pai, velho correto e injustiçado, geralmente ousado proprietário do jornal da região.

E o vilão, o célebre *bandidão*? Esse era o chefe de uma *gang*,

que pretendia tirar benefícios de alguma atividade desonesta, mesmo que para isso tivesse de eliminar algumas pessoas. Podia ser comerciante, criador de gado, dono de *"saloon",* jogador, ou mesmo um perigoso assaltante. Vestia-se elegantemente, à moda do leste, e não dispensava um atrevido bigodinho. Normalmente, suas atividades ilícitas permaneciam incógnitas, até ser desmascarado no final pelo mocinho.

Mais tarde, o bom caubói foi substituído pelo pistoleiro solitário, cujo mais conhecido representante foi Shane, personagem aparecido no filme "Os Brutos também amam".

Daí a mitificação do pistoleiro que infundia medo e respeito aonde chegasse, e que, terminada sua missão, sumia novamente no horizonte. A partir dos anos 70, o faroeste entrou numa fase de maior realismo, em que as figuras do bom e do mau se confundem, as belas vestes são substituídas por roupas andrajosas e empoeiradas. É a vez dos "mocinhos" durões, interpretados por Clint Eastwood, Lee Marvin, Lee Van Cleef e outros. A crueldade e a violência nesses filmes agridem os antigos jovens acostumados às inofensivas trocas de tiros na matinê das duas.

Mas será que existiu a figura do caubói intrépido, de honestidade a toda prova, ou a do herói justiceiro e solitário, sem amor e sem destino?

"Quem vê no cinema os heróis das fitas de *cowboy*, não se dá conta do que foram realmente esses pistoleiros da turbulenta história do Oeste norte-americano. O mocinho defensor da justiça, perseguindo o bandido traiçoeiro e venal, é mais criação de Hollywood do que expressão da verdade. Nos tempos violentos da conquista do Oeste, não havia mocinhos nem bandidos: eram todos matadores implacáveis, que assassinavam

por dinheiro ou pela glória – sempre precária e contestada – de ser o gatilho mais rápido da fronteira" (*O Oeste Violento* – Revista Grandes Acontecimentos da História, nº 2, junho de 1973).

Bibliografia:

ZILBERMAN, Regina (org.). *Os preferidos do público*. Vozes, Petrópolis, 1987.
RIEUPEYROUT, Jean Louis. *O Western ou o cinema americano por excelência*. Itatiaia, B. Horizonte, 1963.
LEUTRAT, Jean-Louis. *Le western – quand la légend devient réalité*. Gallimard, Paris, 1995.
DUPUIS, Jean-Jacques. *Le western*. Éditions J'ai lu, Paris, 1990.
EVERSON. William K. *El western de Hollywood*. Odin Ediciones, Barcelona, 1994.

O BÊBADO E O BATRÁQUIO

Sem saber como, foi parar no chão enlameado (mas nós sabemos como: saiu do bar, deu alguns passos trôpegos, deslizou na lama e foi de nádegas no chão). De olhos entreabertos, avistou um pequeno ser esverdeado, parado em sua frente e que o olhava com curiosidade.

Era o tal do batráquio do título, mais especificamente, um sapo, daqueles enormes e viscosos. Há que se ter cuidado ao lidar com sapos, dizem que alguns deles podem virar príncipes. Mas é preciso lhes dar um beijo.

Não sei se o fulano pensou nessa possibilidade, mas se aproximou do bichinho e iniciou com ele um diálogo, aliás, um monólogo, pois o sapo ainda não podia exercer a faculdade da fala, como acontece nos contos e nas fábulas.

– Veja você, companheiro: a coisa tá feia.

A voz saía pastosa, parecia que os lábios estavam grudados dificultando a saída da voz.

O sapo deu uma mexida no papo, concordando. Pra ele talvez as coisas não estivessem boas também. Ou talvez só estivesse deglutindo a última mosca.

– Com o preço da gasolina, é melhor vender meu velho Monza. Que adianta ter veículo pra ficar parado na garagem? O dinheiro não tá dando nem pro leitinho aqui do “véio” (e imaginamos de que leitinho se trata). Só ligamos a TV pra “véia” assistir sua novela, disso ela não abre mão. Até no banheiro tamo indo de vela acesa pra não gastar energia. Isso é vida? Diga, companhei-

ro, fale a verdade.

O sapo parece que deu uma arrotada.

– Tô vendo que o companheiro é educado, gente fina; não fica, como a minha “véia”, me chamando de bêbado sem-vergonha. É o único que me compreende. Posso contar um segredo?

O homem colocou comicamente um dedo nos lábios:

- Chiu! Caluda! Fica só entre nós, hein? Tô parando de beber! Faz uns três anos. Agora é pra valer. Esta vez foi a última. Chiu! Boca fechada! Quero fazer surpresa pra “véia”.

Em seguida, fez um gesto de desânimo: mas o negócio não é fácil, não, companheiro. Tem as manobras da oposição, as dissidências, as conjuminâncias, as controvérsias, as bisofâncias, os interc... inters...tícios... Se não beber um pouco, a pessoa acaba de miolo mole.

E chegou mais perto do animalzinho, quase tocando sua bocarra:

– Entendeu, companheiro? Você tá entendendo?

O sapo parece que teve um frenesi, se arrepiou todo. Seriam os eflúvios da bebida? Depois dessa cena, o sujeito simplesmente se apagou. Cerrou os olhos e finalmente desabou todo o corpo na lama.

E o sapo, isto é, o outrora belo príncipe, há séculos à espera do beijo salvador, pensou, desanimado: desta vez foi quase!

JURA ARRUDA

Jura Arruda *nasceu em São Paulo. Radicado em Joinville desde 1984, estreou escrevendo para teatro em 1996, com a peça infantil "Quem Roubou Minha Infância Que Estava Aqui?"*

Desde então escreveu onze peças, com destaque para "Uma Festa Para Eulália" (2006) e "Nós e Um Laço" (2013). No cinema foi co-roteirista do longa "Infância de Monique".

Com foco na literatura infantojuvenil, Jura Arruda tem sete livros publicados, com destaques para "Friz, Um Sapo nas Terras do Príncipe" e "Uma Árvore que Dá o Que Falar", além de participações em antologias por editoras de São Paulo e Santa Catarina.

Foi membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais de 2015 a 2016, é vice-presidente do Instituto da Cultura e Educação (realizador da Feira do Livro de Joinville), Membro Honorário da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e Membro Efetivo da Academia Joinvilense de Letras desde 2015.

Cronista desde 2008, atualmente tem crônicas publicadas na edição de sexta-feira do jornal A Notícia.

O MENINO, A FLOR E O MURO

Era de pouco tamanho. Nascera no vão entre o tronco robusto do Ipê e o muro da casa. Era dada à observação, ainda que pouco havia para observar naquele ínfimo latifúndio. Ocorria de, nas manhãs felizes, ver cruzar os galhos do Ipê os raios de sol e um ou outro passarinho. Em dias de chuva, recebia da copa da árvore pingos engradecidos, com os quais lutava para manter-se em pé.

Não era vista e pouco via.

Do outro lado do muro – do mundo, como pensava a flor – um menino passava em dias de aula, detinha-se em dias de folga. O muro era alto demais para que pudesse olhar por sobre, mas podia ver invadir a calçada alguns dos galhos do Ipê. No muro, o menino observava uma pichação, imaginando-a grafite, e passava os dedos sobre uns sulcos que o muro continha e que talvez um dia o derrubasse, mas que por ora eram apenas riscos na armação de concreto. Sentar à pouca sombra do Ipê que ele não via por completo e morder matinho, era hábito desde que viera para o bairro.

Não era visto e pouco via.

O que o muro escondia da flor e do menino, e eles não podiam perceber, era a possibilidade do encontro, o simples contemplar, quiçá a admiração. Nem flor, nem menino tinham capacidade de transpor a matéria e enxergar além do que viam.

Há um muro cobrindo-nos a vista, impedindo-nos de ver flores e meninos. É um muro alto e poderoso que nos impele contra si com força. Há um jardim com Ipê, flores e borboletas diante de

nós, mas estamos concentrados no muro. Há uma rua a nos oferecer caminhos, mas estamos concentrados no muro.

Não somos vistos e pouco vemos.

Vamos mordendo matinho, acreditando estarmos à sombra agradável do Ipê, quando o que nos cobre é a sombra fria do muro, que fora construído com a força do trabalho, que custou dinheiro e tem seu valor. É assim que estamos vivendo: com os olhos no muro, quando há tanto a vislumbrar. Mas o tempo e a vida passam velozes demais e não conseguimos dedicar-nos à contemplação de uma flor pequena com suas pétalas perfeitas, de uma manhã de sol, de uma tarde de chuva, de um menino crescendo.

CORPO ESTRANHO

Era dado a observar abelhas. Por gosto e ofício. Apicultor, aprendera com o pai o trabalho de construir ninhos, instalar telas, fumegar e coletar o mel que era vendido a bom preço na região. A disciplina das abelhas era trunfo de Adamek que, por não precisar pajeá-las, guardava tempo para outra de suas paixões: observar o céu.

Adamek usava sua máquina fotográfica para registrar os movimentos celestes de sua cidade. Naquela noite, observou algo a movimentar-se no espaço: uma bola de fogo cingia o céu escuro. Como uma abelha a polinizar, atravessava a noite, de Oeste a Leste. O apicultor mirou a lente de sua máquina e pôs-se a filmar. Registrou 26 segundos do passeio da bola de fogo em imagem pouco nítida. Deu no jornal. Para Adamek era uma bola de fogo, para a mídia, um objeto não identificado, para os cientistas, possivelmente um pequeno asteroide atravessando a atmosfera terrestre.

O bólido foi visto por Adamek no Planalto – forma de relevo com uma superfície elevada e cume nivelado. O Planalto em questão é o Norte de Santa Catarina e está a mil metros de altura, portanto, mais perto de bólidos, e do céu, do que os que vivem ao nível do mar, onde o corpo encontrado estava de bruços, sem estima, mas em forma de estrela. Não há foto no jornal, mas, estranhamente, posso vê-lo. A olhos nus, não se move, mas talvez esteja atravessando o céu. Não o conheço, não sei que vida regrada ou desregrada manteve, que bem fizera, que mal nutria. Posso, no entanto, sem as lentes de Adamek, identificá-lo gente. Quiçá estrela, como todo ser humano que nasce, brilha e morre. Quiçá, um asteroide, cuja vida estava resumida em arremeter-se contra o planeta, contra o sistema, contra as pessoas e o destino.

Sinto que às vezes olhamos para o céu esperando o mel das abelhas, uma forma de suavizar as desventuras da existência humana; porém, ao nosso lado, continuam caindo corpos estranhos. Estranhos porque deveriam estar vivos e vivos brilharem, mas quedam-se mortos, em formato de estrela e de bruços, esses objetos não identificados das mazelas humanas.

CESTAS E PEDAIS

Marcha pra cima, reta longa em leve declive e a bicicleta ganha velocidade. O vento bate forte no rosto, numa sensação de quase voo. Mais duas quadras e Wagner chegará ao destino. Descerá da bicicleta e entregará um pacote de biscoitos, dois cupcakes e um levíssimo patê. Mais adiante, cerca de cinco quadras, entregará dois pães caseiros e uma cuca de banana. Na volta, ele fará um caminho diferente, por ruas arborizadas de um bairro nobre. Vai reduzir a velocidade para admirar o jardim de uma casa por entre o imponente portão que traz ao centro o brasão quiçá de uma família europeia. Vai sentar-se embaixo de uma goiabeira. Seu telefone não tocará até o final da tarde, porque o serviço de entregas via bicicleta ainda é incipiente, carece de divulgação e hábito.

Próxima dali, Ester olha um papel e confirma o endereço da entrega. A casa do número 127 é simples, com um jardim rico em folhagens. Ela bate palmas e vê sair de dentro da casa uma senhora jovial, engolida por um moleton cinza. Ester tira da cesta o pedido, recebe o pagamento e vê a dona da casa entrar faceira com sua encomenda. Ester olha a copa das árvores à sua volta e respira. Lembra-se da mãe que vendia produtos de limpeza montada em sua bicicleta, aquisição que lhe permitiu descartar o carrinho de mão. Imagina que sua mãe fora a pioneira nesse negócio de fazer entregas sobre uma bicicleta.

Tanto Wagner, quanto Ester, fazem parte de um grupo que resolveu unir o útil ao agradável e buscar sustento sobre pedais, entre automóveis, nas ruas de uma cidade que já foi conhecida como Cidade das Bicicletas. Nada me parece tanto com progresso quanto os serviços prestados sobre as rodas de uma bike, ou zica, carinhosamente assim chamada em Joinville.

Ainda que imagem bucólica, entregar pães, doces e cucas de bicicleta tem um ar de Europa, de consciência ambiental, de cuidado com a saúde, que é para onde devemos caminhar para não morrermos do coração, de acidente ou poluição.

Ando querendo encomendar os pães da Rock Cake, primeira cliente da Ciclo Entregas, só para me sentir no Leste Europeu, e conversar com o Wagner ou a Ester, e vê-los retirar de uma cesta de vime (espero que seja) o pão macio que vou saborear com manteiga da fazenda, em uma mesa redonda, coberta por uma toalha xadrez, ornamentada por um vaso de flores e pessoas felizes, cuja vida está imune às notícias ruins dos jornais, à pressa insalubre, aos pequenos fracassos que experimentamos sem termos encomendado.

No próximo Suplemento

HEKADEMEIA No. 2 – Dezembro de 2016

NOSSOS CONTISTAS

David Gonçalves
George Postai
Jura Arruda
Milton Maciel
Wilson Gelbcke
Hilton Görresen

SESSÃO MAGNA, LANÇAMENTO E SARAU

DIA **24 DE NOVEMBRO**, às 19:30 hs, na sede da ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS, na Sociedade Harmonia Lyra, salão Mozart.
Rua 15 de Novembro, 485 – Centro – Joinville

PROGRAMA:
- Posse da nova diretoria para o triênio 2016-2019
- Posse dos novos acadêmicos Maria Cristina Dias, David Gonçalves e Rodrigo Bornholdt
- Lançamento do livro ENSAIO, da AJL
- Lançamento dos concursos e prêmios AJL

Espetáculo Musical com a Grupo de Cordas da Escola de Música Villa Lobos, da Casa da Cultura
Espetáculo artístico com o Conservatório de Belas Artes de Joinville

ENTRADA FRANCA

APOIO CULTURAL

Jornal dos Bairros de Joinville

Jornal do IRIRIÚ
Jornal de PIRABEIRABA

Ari Silveira de Souza
Jornalista Editor – DRT 0037/SC

www.jornalbairros.com.br
Rua Erico Herhaus, 135 – Iririú – CEP 89227-490
imprensa@jornalbairros.com.br Fone 3025-8832